

## **Linduarte Noronha: método, jornalismo e Aruanda<sup>1</sup>**

Dinarte Varela BEZERRA<sup>2</sup>

Margarete Almeida NEPOMUCENO<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **Resumo**

Este artigo é uma imersão na prática jornalística e cinematográfica de Linduarte Noronha, em seu documentário Aruanda. Investigamos a utilização do método empregado por Linduarte Noronha em ambas as atividades, para isso analisamos suas reportagens de 1955 a 1957 e, através de sua coluna diária dedicada à crítica cinematográfica relacionada ao seu documentário, no jornal A União, abrangendo o período de setembro de 1960 a abril de 1964.

**Palavras-Chave:** Linduarte Noronha; método; jornalismo; Aruanda.

### **O método**

A prática jornalística e documentarista de Linduarte Noronha (1930-2012), tem uma ferramenta em comum: o método. O método etnográfico. Conceito que para alguns autores, é o mesmo que etnologia (MARTINS; THEÓPHILO.2016, p.73), mas outros as diferenciam, como, por exemplo, Lévi-Strauss:

a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade [...]e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles; ao passo que a etnologia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Profº dr. do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e-mail: dvb@academico.ufpb.br

<sup>3</sup> Profa. Dra. Do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e-mail: margaretea@gmail.com

---

utiliza de modo comparativo [...] os documentos apresentados pelo etnógrafo (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.14).

Nesse sentido, Laburthe-Toira e Wernier (2010, p.67) afirmam que: “existem certos usos que tende a reservar o termo *etnografia* à descrição dos fatos, e o termo *etnologia* à síntese comparativa do estudo especializado das sociedades da tradição, ao fim de contatos prolongados.” Conceito que se caracteriza pela imersão e observação participante e cujo resultado da observação e análise dos fatos podem ser apresentados através das narrativas dos relatos do diário de campo em ensaio escrito, fotográfico, cinematográfico, dentre outras possibilidades que o método etnográfico pode flexibilizar e experimentar. A depender de quem o aplica, como no caso de Linduarte Noronha que escolheu a fotografia para mostrar o cotidiano dos caçadores de caranguejos, na fotorreportagem “Os donos da lama”.

### **Jornalismo e método**

A aplicação do método etnográfico no jornalismo praticado por Linduarte Noronha, será apresentada na exposição das seguintes reportagens:

1955 – Os donos da lama;

1956 – Reflexos de uma catequese: ritual africano em domínio Branco;

1957 – As oleiras de Olho d’água da Serra do Talhado.

A primeira, trata-se da fotorreportagem, com a qual, Linduarte Noronha, obteve o primeiro prêmio no concurso internacional promovido pela revista *The News Students World*. **A União**, jornal em que o jornalista dedicará coluna diária à crítica cinematográfica, registra o feito em uma nota, chamamos à atenção para a imersão de quinze dias na observação de um grupo de pessoas peculiar: os caçadores de caraguejos para importância dessa reportagem:

“OS DONOS DA LAMA” – Esta é uma das fotos que o jornalista paraibano<sup>4</sup> Linduarte Noronha conquistou, no Festival Mundial de Praga, o 1º Prêmio Internacional de foto-reportagem. **Após conviver durante quinze dias com as populações das margens do Rio Paraíba**. O jornalista trouxe para estudiosos uma tema ainda virgem

---

<sup>4</sup> Linduarte Fernando Noronha de Oliveira era natural de Ferreiros – PE.

---

da sociologia regional: a vida do homem da lama, do pescador de caranguejo, elemento típico da paisagem humana das populações ribeirinhas. Embora habitando a poucos minutos da civilização e do conforto, muitos desses homens jamais viram um aparelho de rádio ou frequentaram um cinema. São os “Donos da Lama”, conforme se intitula foto-reportagem<sup>5</sup> do jornalista conterrâneo. (A UNIÃO, 1955) (grifos nossos).

O início da carreira de Linduarte Noronha no jornalismo não poderia ser mais exitosa. Outro jornal, **O Norte**, além de enaltecer conquista do prêmio internacional, não economiza nas tintas, traça-lhe perfil, apresentando-o a sociedade:

#### RETRATO DO ARTISTA

Presentemente, Linduarte Noronha estuda Direito e ensina Geografia em dois colégios da Capital, além de exercer outras atividades onde não está incluída a cinematográfica, que êle põe em lugar reservado.

De estatura mediana, forte e expansivo, gosta acima de tudo de cachimbo, razão por que aceitou a presidência do “Mboi tatá Pipe Club” que congrega o pessoal da imprensa provinciana que cultiva o uso do cachimbo (O NORTE, 1955).

O perfil registra Linduarte Noronha como “doublé de literato e cameraman” e, que recentemente havia concluído curta-metragem a respeito da Prefeitura de João Pessoa. Seduzido pelo problema ecológico, Linduarte Noronha percorre doze quilômetros a vadear mangues às margens das ilhas dos Porcos, Pombos, Restinga e Stuart. Nessas andanças dois tipos sociológicos chamam a atenção do jornalista, o pescador e caçador de caranguejo, descrevendo-os da seguinte forma:

É fácil distingui-los. O pescador é elástico, caixa torácica dilatada e aparentemente forte, apesar de sub-alimentado. Geralmente, vive de calção e está sempre atarefado com a conservação dos apetrechos de pesca: a canoa para pichar, a rêde para remendar e aquisição de iscas. O caranguejeiro é definhado, pálido, ousado e encurvado, Antes de meter na lama, o pegador de carangueijo se despe e unta todo corpo com lama a fim de escapar à sanha dos mucuins. No comum dos casos é êle um preguiçoso e um bebedor inveterado de cachaça (O NORTE, 1955).

---

<sup>5</sup> Mantivemos a ortografia da época.

Existem diferenças entre o trabalho do pescador e do catador de caranguejos, o primeiro, precisa de várias ferramentas para execução de suas tarefas e depois reorganizá-las para futura pescaria. O segundo, tem mais tempo livre, pois, como instrumento de trabalho, possui apenas o corpo e a paciência na espera das marés baixas que possa se locomover pelos mangues em busca dos caranguejos e pegá-los em suas locas. Com a maré alta, descanso e lazer na aguardente de cana, bebida que o próprio Linduarte Noronha fez uso, assim como, as ferramentas utilizadas para a realização da fotorreportagem: “Embrenhou-se êle munido de papel, lápis e uma câmera pelos dozes quilômetros antes da foz, comendo farinha sêca e tomando cachaça para esquecer as picadas dos marroins e mucuins”(O NORTE, 1955). A cachaça tem várias funções, para uns, serve para anestésiar o corpo para se esquecer das picaduras dos insetos, para outros, pacificar a mente e aguentar a dura provação de viver em desigualdades. Nesta fotorreportagem, temos como característica do método etnográfico a imersão para reportar tipos humanos e atuação dos catadores de caranguejos, profissão marginal, que a imprensa paraibana, dedicada à política, também desconhecia e que “Linduarde Noronha <levantou a lebre>, resta aos pesquisadores tomarem conta do assunto e dar a contribuição que o assunto está exigindo” (O NORTE, 1955). E papel e lápis para anotar as observações de campo.

A segunda reportagem trata de religião, tema dado à etnografia, por excelência, nela, busca-se a origem do sincretismo religioso, descrevendo a origem do festejo dedicado a Nossa Senhora do Rosário, dos pretos. Iniciado, ainda, no continente africano com o aparecimento da imagem da Santa que se recusou a ser trasladada por sacerdotes católicos com suas orações e rituais, mas que não resistiu aos encantos da música dos negros: “Os negros, então munidos de seus instrumentos rústicos, de pífanos, tambores e ganzás chegaram à imagem, conseguiram trazê-las para lugar habitado, sem atropelos nem recusa. A Banda de caixa vitoriara” (NORONHA, 1956-A)

A memória do acontecimento atravessa o Oceano Atlântico em navios negreiros e todo ano é rememorado em Santa Luzia, município do sertão paraibano, a cada primeiro domingo de outubro:

Neste dia, de manhã a cidade está festiva. À frente da igreja local, ante o silêncio da multidão fiel, dois estranhos personagens paramentados com vestimentas exóticas assistem à missa campal. São o Rei e a Rainha, figuras máximas de uma lenda oriunda das plagas africanas e

---

trazidas para o Brasil na repetição constante de quase 3 séculos. Duas religiões reúnem-se ali em perfeita harmonia, isenta de intolerância. O sacerdote oficia a missa, enquanto o casal de morenos ouve plácidos as palavras em latim descrevendo o sacrifício do ato religioso. Após a solenidade de fé, os participantes levantam-se descendo vagarosos com portes de soberano, os batentes do templo, em demanda da rua apinhada de gente. De repente, uníssonos, ressoam os tambores dos festejos ao som do pífano e zabumba, e das dansas coreográficas dos lanceiros. Começa a festa (NORONHA, 1956-A).

A manifestação festiva religiosa dos negros soa com espetáculo que chama à atenção dos moradores de Santa Luzia, pelo exotismo da comemoração: pelo colorido das vestimentas dos participantes, pelo ritual de entronização do Rei e Rainha, pelo cortejo que se faz pelas ruas com os lanceiros na quantidade de “Seis ou 8 rapazes, empunhando lanças embandeiradas vão à frente dansando ao som da banda de Caixa, conduzidos pelo Porta-Bandeira, ágil nos movimentos e exato no compasso” (NORONHA, 1956-A). Culminando com um grande almoço oferecido na casa do Rei: “a mēsa farta serve de repasto aos convivas que bebem, cantam e riem. Na rua, os tambores ensurdecem” (NORONHA, 1956-A).”. A festa se faz entre os “morenos”, pois: o termo “negro” foi “desprezado pelos brancos e por eles próprios.” (NORONHA, 1956-A).”.

São com duas reportagens intituladas As oleiras de Olho d’água da Serra do Talhado, que Linduarte Noronha começará a viver seu momento etnográfico, que irá desembocar na realização do seminal documentário Aruanda.

A primeira reportagem, datada de 25 de agosto de 1957, traz um resumo da história a ser contada:

Reduto primitivo de mestiços em Santa Luzia do Sabugi – Onde 500 pessoas vivem sem contacto com a civilização – Êles descem a serra, mas ninguém sobe – O barro, elemento básico para a economia – Algodão, celeiro dos pequenos proprietários – Binômio econômico – Riqueza mineral desprezada (NORONHA, 1957-B)

E em nota da redação, chama-se a atenção para o momento histórico vivido:

---

N.R – A subida para Serra do Talhado, em Santa Luzia, foi feita recentemente pelos repórteres Linduarte Noronha e Dulcídio Moreira<sup>6</sup>, de “A União” e do “Estado de S. Paulo”, respectivamente. Para tanto, tiveram os dois de caminhar 24 quilômetros a cavalo, guiados pelo subtenente reformado da P. M., Júlio Rodrigues Vieira. O tento dos dois jornalistas é das mais importante para a sociologia e etnologia brasileira, de vez que foram os primeiros a registrar fotográfica e textualmente a curiosa segregação paraibana. (NORONHA, 1957-B)

É o contato inédito que faz deste acontecimento um momento etnográfico. Linduarte Noronha apresenta a Serra do Talhado, aludindo, comparando o sertão paraibano às terras remotas e inóspitas: “Falar da Serra do Talhado do Talhado, no município de Santa Luzia do Sabugí, é como se falasse de uma região remota e inóspita do continente africano ou do deserto de Gobi, na Asia.” (NORONHA, 1957-B) E constrói imagens acerca da Serra do Talhado, a fazer uso do sentido figurado: “quando alcançamos, ao pino do sol sertanejo, tivemos a impressão de ter chegado ao fim do mundo.” (NORONHA, 1957-B) E nós diz que a Serra do Talhado é: “um aglomerado humano ramificou-se a mais de cem anos, e vive em completa separação dos brancos colonizadores, com suas particularidades e características” (NORONHA, 1957-B). O que muito interessa são a descrição dessas “particularidades e características” desse grupo isolado na Serra do Talhado que fugiu das garras dos escravagistas, formando um quilombo. E registra observações com um puro sotaque de diário de campo que a escrita jornalística toma por empréstimo:

Após um percurso de 20 quilômetros de automóvel, chegamos à última fazenda, ao sopé da serra, alcançada por regular estrada. Durante mais de duas horas, caminhamos na lomba de animais sob sol abrasador, cercados de vegetação xerófila, típica, e quebradas de serras que se sucedem numa monotonia sem fim e cansativa. O sertão está se despovoando de sua fauna. No interim da viagem, a passos vagarosos não ouvimos os ruídos naturais de aves ou mamíferos. A vegetação

---

<sup>6</sup> A publicação da reportagem de Dulcídio Moreira no **Estado de São Paulo**, nos dias 1, 3 e 4 de setembro de 1957 sob os seguintes títulos: O Talhado não é mais do que uma longínqua favela; No Olho D’água do Talhado – o primeiro explorador foi madeireiro e Na Serra do Talhado – A argila consolida a sociedade, depois são republicadas no jornal **A União** em 20, 21 e 22 de setembro de 1957, sob o mesmo título: Talhado: uma longínqua favela.

---

ressequida e sem pássaros é um cemitério de arbustos. A mais de 600 metros de altitude, onde o clima é mais ameno, o panorama não se modifica. É seco esturricado, como diz o homem local. Da fauna sómente o sáurio resiste ao rigorismo climático, as aves arribam. Os animais de maior porte, como a onça e o maracajá já não mais existem. A nova geração os tem como lendários. A espingarda e a própria derrubada dizimaram a espécie. Às 10 horas chegamos a Olho D'água do Telhado (NORONHA, 1957-B)

### **Particularidades e características**

Na opinião de seus habitantes, Olho D'água do Talhado não chega a ser um povoado, nem tampouco um aglomerado, pois vivem espalhados uns dos outros, isolados deles mesmos. O que os unem, aponta Lindurte Noronha, são os costumes. A unidade nos costumes registra uma das características, uma particularidade manifesta na divisão sexual da força de trabalho: “Uma grande e mais importante característica do Talhado: o barro, todas as mulheres são oleiras e os homens agricultores (NORONHA, 1957-B). Realidade que é vivida e experimentada como exploração do sistema capitalista:

A indústria de Talhado é a olaria. O barro, matéria prima em abundância, é vendido em cargas, dos sítios, aos fabricantes. Os hábitos comuns da exploração humana dos grandes centros também chegam ali. A mulher foi ensinado a arte de modelar utensílios: jarros, panelas, quartinhas, pratos, toda sorte de objetos domésticos, em fainas diárias. Cada mulher faz, em média, 30 vasilhas por dia, no interior da casa (NORONHA, 1957-B).

O jornalista descreve também o processo de trabalho que transforma o barro em cerâmica utilitária: “Sofre o barro uma série de processos para sua modelagem final: é secado, pisado, penerado, molhado e amassado, para, depois, tomar sem forma, a modelagem desejada; A cozinha é a “oficina” completa para o trabalho” (NORONHA, 1957-B). Particularidade que caracteriza uma forma específica de reprodução de capital que garante a sobrevivência do grupo:

O barro é a vida de Talhado. Tudo ali é feito de argila morena, tornando uniforme a paisagem das construções. As próprias pessoas parecem

---

modeladas em barro. O binômio econômico repousa no forno e na casa. Nenhuma residência existe sem forno no quintal, a poucos metros, onde são cozinhados centenas de objetos por semana e, sem dúvidas, a grande fonte de renda para sobrevivência cotidiana (NORONHA, 1957-B).

A prática da agricultura serve de complementaridade a economia da comunidade da Serra do Talhado, seus produtos são: “O algodão, milho, feijão batata são elementos vegetais por excelência, cultivados em todo local pelas famílias, e vendidos nas feiras de São Mamede e Santa Luzia” (NORONHA, 1957-B). Produtos que pouco chegam à mesa dos “morenos”, a agricultura praticada destina-se à comercialização: “Praticamente, os mestiços do Talhado não possuem alimentação. O feijão e a raspadura são o menu diário (NORONHA, 1957-B).

A segunda reportagem traz o seguinte resumo: “ O divórcio das instituições públicas – Fuga à política e ausência da religião – O heroísmo do tem. Júlio Vieira – Escrivão, padre e polícia não se metem na sociedade – E o futuro? (NORONHA, 1957-C)

A ausência dos poderes públicos é percebida pela inexistência de escolas, posto de saúde e de polícia<sup>7</sup>. A presença religiosa é referida como um achado arqueológico:

O povo não sabe orações nem frequenta templos. O único vestígio de fé que encontramos, na longa caminhada, foi um cruzeiro, erigido a mais de 3 quilômetros do meio, numa fazendola solitária, por entre arbustos secos. O símbolo, em ruínas, tijolos nus, sustenta a cruz rústica ao sabor dos ventos sertanejos (NORONHA, 1957-C).

Problemas de ordem moral ou econômica são arbitrados pelo senhor João Carneiro Saturnino, representante eleito, conforme notícia Linduarte Noronha pelo critério de “Ativismo tribal”. Descer a Serra para resolver problemas na cidade de Santa Luzia, só em caso considerados graves: “quando a justiça se faz necessária, como nas

---

<sup>7</sup> Reivindicações foram apresentadas ao governador Pedro Gondim, conforme matéria publicada em **A União**, 12 de julho de 1961, página 11, sob o título: *Problemas de Ólho D'água levado ao governador*.



---

contendas sôbre terras, casamentos, regulamentações de escritas. Fora disso, não precisa de tribunal, nem de polícia, nem de cartório, nem de padre” (NORONHA, 1957-C).

A experiência educacional, na Serrado Talhado, durou poucos meses, sob a responsabilidade do senhor Júlio Rodrigues Vieira, a justificativa para não se prosseguir lecionando resiste no modo de vida no Talhado: “A escola, no momento, não funciona. A dificuldade de reuni-los é imensa. Espalhados como vivem, não se habituem à junção social. Talhado voltou ao que era” (NORONHA, 1957-C).

O relevo da região se destaca pela dificuldade ao seu acesso, tanto para quem sobe:

O cavalo é o único meio de chegar-se até lá, porque nem estradas carroçáveis foram feitas. A caminhada se faz por terreno de acesso problemático, de vez que os declives, grotas, lajedos e ladeiras íngremes causam a desistência dos próprios habitantes de Santa Luzia, aos quais a curiosidade nem sequer os animam a subir (NORONHA, 1957-C).

Essa dificuldade, as vezes cumpre a função de proteção, principalmente em período eleitoral, observa o jornalista: “Os políticos, em época de eleição, não os procuram. Analfabetos, são indiferentes às lutas partidárias; a condição de relevo protege-os contra os caçadores de votos que não se aventuram a tanto” (NORONHA, 1957-C). Quanto para quem desce também é difícil, principalmente, no inverno é quase impossível: “O barro escorregadio, os lagêdos visquentos, são empecilhos para os animais. As oleiras continuam na cozinha, modelando objetos. Talhado fica mais distante ainda da civilização.” (NORONHA, 1957-C) . Sem cidadania a civilização fica distante.

## **ARUANDA**

A divulgação de exibição do documentário Aruanda nas páginas do jornal A União em 9 de setembro de 1960, não deixa dúvidas de que se trata de um: “Estudo etnográfico de uma clã perdida no Sertão”, temática que pouco agradou a receptividade da sociedade paraibana<sup>8</sup>:

---

<sup>8</sup> Os ataques não foram apenas às questões cinematográficas, mas pessoal, conforme relata Linduarte Noronha: “Quando comecei, há alguns tempos, a trabalhar aos preparativos da realização desse documentário, fui recebido por u’a grande chuva de impropérios e maldições. Em poucos meses, no decorrer dos trabalhos. Chamaram-me de idiota, cretino, louco snobe, soba, baecamate estúpido, ridículo,

---

Outros afirmam que não interessava ver porque é um filme que desmoraliza o Brasil no estrangeiro.... Alguns mais entendidos, não sabem a razão de termos procurado assunto tão sujo sobre o grupo de negros, deixando de lado as belezas de Tambaú, os pôr de sol etc. Outros ainda não sabem porque tanto barulho por um filme de 20 minutos apenas (NORONHA, 1960-E)

Como podemos constatar pelas reportagens de Linduarte Noronha, seus temas trazem o desconforto pelas personagens que retratam os marginalizados, os indesejáveis, os esquecidos e invisíveis da sociedade paraibana; os pobres. É neste ambiente hostil que o jornalista começa a defesa de seu documentário Aruanda, em sua coluna de crítica cinematográfica, primeiro relata como tudo começou:

Comecei as primeiras pesquisas sobre a Serra do Talhado, em Santa Luzia, em 1956, quando estive no município para realizara reportagem “RITUAL NEGRO EM DOMINIO BRANCO” a proposito das festas sincréticas da padroeira da cidade. Só um ano depois, em 1957, subi a serra, pela primeira vez, em companhia de Dulcideo Moreira, do “Estado de S. Paulo”, passando um dia entre o grupo perdido. Meu companheiro escreveu, depois, e eu fotografei o assunto. Inclusive para “A UNIÃO”, provocando sérios debates no sul do país, havendo as costumeiras deturpações da imprensa sensacionalista dos nossos dias, onde pacatos negros foram chamados, inclusive, de antropófagos. A reportagem “AS OLEIRAS DA SERRA DO TALHADO”, foi a célula do documentário ora visto (NORONHA, 1960-F).

Para em seguida, expor a composição do método acerca da memória histórica do lugar e outros dados:

---

ladrão, desonesto, intelectual farsante, vaidoso mórbido, egocêntrico, vigarista preguiçoso e incompetente. Quando fui ao Rio, com Rucker Vieira, para os trabalhos finais de laboratórios e distribuição, outra chuva de cartas anônimas, dirigidas a certos lugares e pessoas onde mantinha contacto e de que muito dependia para o término do filme. Tudo suportei, às vezes querendo explodi, mas certo de que eram atos e atitudes comuns ao meio, e que estava apenas fazendo despertar a intolerância de temperamentos incubados pelo tempo do chôro provinciano, do ciclo fechado de gênios dentro do muro que nos cerca. E assim esqueci-me dos insultos, das acusações, porque muita coisa há de fazer ainda, depois do exercício da Serra do Talhado.” NORONHA, Linduarte. Aruanda não é exemplo. *A União*, João Pessoa, ano LXVIII n. 306.14. dez.1960. p. 6. D.

---

Continuei as pesquisas, por três anos, referentes à parte histórica, referente a Zé Bento e sua família, procurando os moradores mais velhos, de Santa Luzia, como o quase centenário Malaquias, e uma irmã do antigo madeireiro. Solicitei ajuda, também, da delegacia do IBGE local, autoridades, e, sobretudo, as informações de Semeão Cananéa, então Juiz de Direito daquela comarca (NORONHA, 1960-F)

A necessidade em afirmar do que se trata em Aruanda, explicita cada vez mais o método: “ “Aruanda teria, como teve, cunho antropológico, o filme experimental por excelência, característica desconhecida do grande público, embora não seja novidade nos centros evoluídos, notadamente Europa” (NORONHA, 1960-F). A incompreensão de Aruanda, apresenta-se como contradição da função que o cinema traz em si próprio e vai mais além ao discorrer a respeito de Aruanda como filme que cumpre essa função e porque a cumpre:

“Aruanda”, como filme, esconde-se ante a realidade da clã do Talhado. Nenhuma expressão tem o poder de reproduzir a realidade dos fatos, como o cinema. E’ elemento vivo que reproduz construindo, criando condições especiais. O documentário, aparece em primeiro plano, como o “cinema de longo curso ou de exploração”, segundo Liothar, o andarilho e pobre, humilde e sem o tecnicismo exagerado, a procura de acontecimentos, de coisas esquecidas, do pauperismo das civilizações distantes, fatos que são transformados pelo realizador, em tratamento fílmico, em estudo dentro do conceito da sociologia atual. Fora dessas perspectivas, o documentário passa, então, a simples reportagem, a flagrantes sem maiores atenções. O documentário deve ser elemento provocador de debates ao homem que não vive alheio aos problemas e finalidades da espécie. Desprezar os fundamentos da investigação e aplicação dos fenômenos sócios-econômicos, é olvidar à condição humana de supremacia quanto às diretrizes a serem seguidas no desenvolvimento cultural (NORONHA,1960-G).

O documentário Aruanda é debatido no conteúdo, como se pode perceber Aruanda é mais do que a reportagem As oleiras de Ôlho Dágua da Serra do Talhado em movimento, é um recorte da atuação, em uma região periférica do capitalismo subdesenvolvido, que expando as feridas de suas contradições que se alastram em

---

desigualdades e, o debate que gera são as contradições insuperáveis da própria sociedade capitalista. E vai mais longe ao fazer a defesa da música:

“Aruanda” não é somente documentário visual. Não procura captar exclusivamente a atividade humana, mas a música, como elemento inerente a um povo, a um grupo, encontra-se presente, no filme, tal como existe, na sua exteriorização natural bruta, própria do sentimento e grau de cultura dos habitantes do Talhado (NORONHA, 1960-H).

Ao contextualizar a realidade da música imbricada na realidade social, busca justificar uma harmonia em sincronia, tudo se relaciona para o registro do fato, tudo está interligado:

A melodia do documentário, em stritu sensu, é do povo. O “Piauí”, tocado por Manuel Pombal, é rigorosamente folclórica, cujo autor perde-se nas noites das senzalas. De motivo renitente, angustioso, assemelha-se, exterioriza a vida do grupo ilhado. A inclusão do côco paraibano “Oh mana deixa eu ir”, estilizado, não escapa ao natural, plasmando-se na história telúrica e trágica de Zé Bento, pífano e violão são instrumentos monótonos, humildes, armas poéticas de selvagens e vagabundos românticos, mistura de cheiro de terra e de auroras, de poentes e noites frias, como as da Serra do Talhado (NORONHA, 1960-I).

Outras auroras ainda estão por vir, cruas, brutas, a rasgar o tecido social e mostrar a realidade social brasileira. O debate está em andamento, em uma ocasião responde aos críticos, a exemplo, de Jean-Claude Bernadet<sup>9</sup> que questiona se o realizador de Aruanda desconhecia o que estava a fazer: ““penso que seu autor não sabia do valor do conteúdo que plasmava (NORONHA, 1961-A)”. Cita Linduarte Noronha e, completa: “Em outras palavras: o ensaísta acha que o realizador do documentário acima tocava um filão de ouro, desconhecendo seu valor, no caso, etnográfico”(NORONHA, 1961-A), lembrando o trabalho de pesquisa para a realização do documentário, fala diretamente ao crítico:

Os preparativos de estudos, meu caro Bernadet, sobre o grupo da serra, dizíamos, começaram três anos antes. Levantamentos total de

---

<sup>9</sup> BERNADERT, Jean-Claude. *Dois documentários*. Estado de São Paulo. São Paulo, 12 ago. 1961. Suplemento Literário. p.5.

---

documentos, dados estatísticos, comparações biotipológicas, ramificações e analogias com antigos quilombos, para chegar-se à conclusão, finalmente, de que o ilhamento fôra causado pela fuga ao latifúndio. E a narração do filme está clara, quando assim se expressa (NORONHA, 1961-A).

O cineasta acata a crítica de Bernardet que em sua análise, põe “Aruanda” num destaque absoluto no cinema Brasileiro (NORONHA, 1961-A). E finaliza com o lembrete irônico que o documentário não foi um acaso (NORONHA, 1961-A). Acaso é acertar na loteria, no jogo de bicho...

Outras vezes está reproduzindo artigos publicados na imprensa brasileira, sobre Aruanda, como no ensaio publicado no *Diário de Minas* de 31- 12- 1960 e 1- 1- 1961, de autoria de Elísio Valverde, sob o título Neo-realismo documentário e Aruanda. Seu olhar a respeito de Aruanda, manifesta-se da seguinte maneira:

Deve-se, sim, dizer-se que, “um resultado quase bruto”, como observou tão bem Sales Gomes, “Aruanda” é um exemplo invulgar. todos os elementos da composição de um documentário se apresentam, ainda que através de uma tendência “selvagem e primitiva” como pareceu a Glauber Rocha (in SDJB, de 6/60). A fusão de uma época remota, com seus problemas humanos, à atual tomada “in momentum” e dentro dos mesmos objetivos intrinsecamente naturais e ligados aos homens (NORONHA, 1961-B).

Linduarte Noronha, na imprensa local, faz a defesa do cinema documentário é a defesa de Aruanda, em particular, e do cinema brasileiro, em geral. A realização do documentário Aruanda é uma epopeia do fazer cinema, um cinema que se impõe, como disse Linduarte Noronha: “Exige satisfações. Gera polêmicas. Divide opiniões, da ordem estética ao conteúdo.” E que possa o cinema como:

grande meio de provocar discussões criando a extraordinária assembléia dos povos, aos fatos, que tanto podem pertencer ao Brasil como a alguns país do oriente. A Serra do Talhado, em Santa Luzia, hoje, de sua insignificância histórica e fisiográfica, social e econômica, como simples quilombo perdido nas lombadas nordestinas, passou a um plano internacional, como subsidiário aos estudos da antropologia (NORONHA, 1960-G)

Eis a contribuição de Aruanda para os estudos etnográficos e direção para a reconstrução do cinema brasileiro.

### **Palavras finais**

A contribuição de Linduarte Noronha pode ser analisada sob duas perspectivas, a primeira, ao empregar o uso do método etnográfico ao jornalismo na Paraíba ao inserir, a partir de 1955, os catadores de caranguejos em pauta, juntamente com o sincretismo religioso e as oleiras da Serra do Talhado. Outros jornalistas também começaram a utilizar o método etnográfico, ao trazer para discussão ou conhecimento da sociedade manifestações da cultura do povo, como as reportagens *Xangô* e *Candomblé*, de Arael da Costa, *Mendicância infantil: um eterno problema social em João Pessoa* e *Índios paraibanos contam sua angústia ao repórter*, reportagens de Jório Machado, *Mãe anônima, civilização do caranguejo*, entre outras, como, *O amolador Luis de Franca não amola ninguém* e *Feira de pássaros*, do próprio Linduarte Noronha que nunca deixou de usar o método etnográfico. A outra, na área da cinematografia ao abrir uma vereda para a construção e idealização do cinema brasileiro, um cinema novo.

### **REFERÊNCIAS**

- A UNIÃO. **Os donos da Lama**. João Pessoa, ano LXIII n. 280. 18 dez. 1955, p.2.
- LABURTHE-TOIRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia, antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LEAL, Wills. **O discurso cinematográfico dos paraibanos: a história do cinema na/da Paraíba**. João Pessoa: Edição do Autor, 1989.
- LÉVI-STRAUSS. **A antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LIMA GOMES, João de. *Terra distante*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÒPHILO, Carlos Renato. **Metodologia de investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2016.

- 
- NORONHA, Linduarte. **Reflexos de uma catequese**: ritual africano em domínio branco. **A União**, João Pessoa, ano LXIV n. 241. 4 nov. 1956, p. 4 e 7. A.
- NORONHA, Linduarte. **As oleiras de Olho d'água da Serra do Talhado**. **A União**, João Pessoa, ano LXV n. 190. 25. ago. 1957. p. 6 e 4. B.
- NORONHA, Linduarte. **As oleiras de Olho d'água da Serra do Talhado**. **A União**, João Pessoa, ano LXV n. 191. 27. ago. 1957. p. 8 e 6. C.
- NORONHA, Linduarte. **Aruanda não é exemplo**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 306.14. dez.1960. p. 6. D.
- NORONHA, Linduarte. **E daí?** **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 386. 18 set. 1960. p.6. E.
- NORONHA, Linduarte. **Apresentação de Aruanda (I)**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 390. 23 set. 1960. p.6. F.
- NORONHA, Linduarte. **Apresentação de Aruanda (II)**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 391. 24 set. 1960. p.6. G.
- NORONHA, Linduarte. **Apresentação de Aruanda (III)**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 392. 25 set. 1960. p.6. H.
- NORONHA, Linduarte. **Apresentação de Aruanda (IV)**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n.394. 27 set. 1960. p.6. I.
- NORONHA, Linduarte. **Improvisação**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 28.1 out. 1961. p.6. A.
- NORONHA, Linduarte. **Ainda a crítica nacional e "ARUANDA" (VI)**. **A União**, João Pessoa, ano LXVIII n. 10. 15 jan. 1961.p. 2. B.
- O Norte, João Pessoa, ano (?) n. (?) 17. dez. 1955. p. 7.